

SELVAGEM

ciclo de estudos sobre a vida

mediado por Ailton Krenak

13, 14, 15 DE NOVEMBRO DE 2018

Teatro do Jardim Botânico do Rio de Janeiro



dia 13 • 10h às 12h

VIAGEM AO CENTRO DA VIDA

Luis Eduardo Luna

Torami-Kehíri (Luiz Lana)

Sergio Besserman Vianna



dia 14 • 10h às 12h

DA PLANTA AO PLANETA

Alice Worcman

Fabio Scarano

Gustavo Martinelli



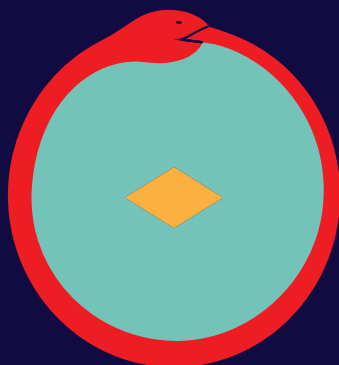
dia 13 • 14h às 16h

A SERPENTE E O DNA

Moisés Piyãko

Gustavo Porto de Mello

Jeremy Narby



dia 14 • 14h às 16h

PLANTAS MESTRAS

Alexandre Quinet

Els Lagrou

Pedro Luz



dia 15

10h às 12h

OFICINA DE PLANTIO COM A EQUIPE SOCIOAMBIENTAL DO JBRJ

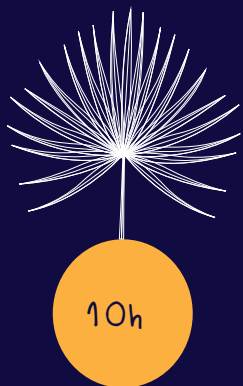
14h às 16h

AULA DE GUARANI

e oficina de desenho de plantas

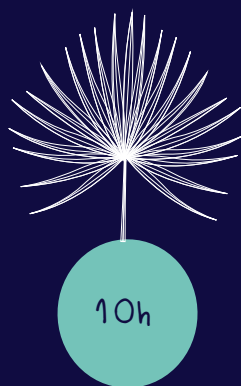


dia 13



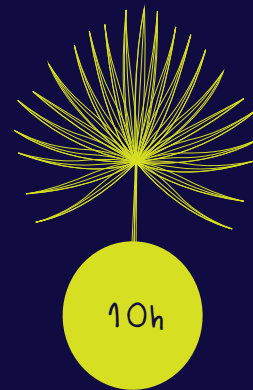
VIAGEM AO CENTRO DA VIDA
+ Antonio Arvind
tocando handpan

dia 14

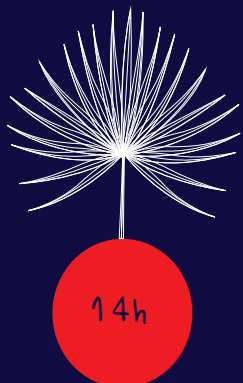


DA PLANTA AO PLANETA
+ cantos de Ayani e
Batani Huni Kuĩ
e Tercio Araripe com
instrumentos de barro

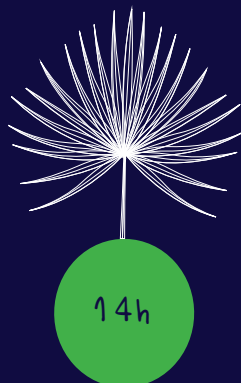
dia 15



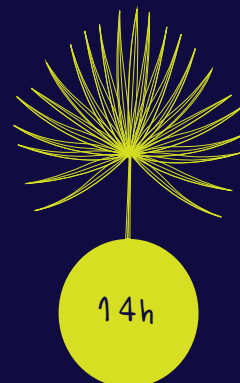
OFICINA DE PLANTIO
com a equipe do Centro
de Responsabilidade
Socioambiental do JBRJ



A SERPENTE E O DNA
+ Antonio Arvind
tocando hang drum



PLANTAS MESTRAS
+ cantos de Ayani e
Batani Huni Kuĩ
e Tercio Araripe com
instrumentos de barro

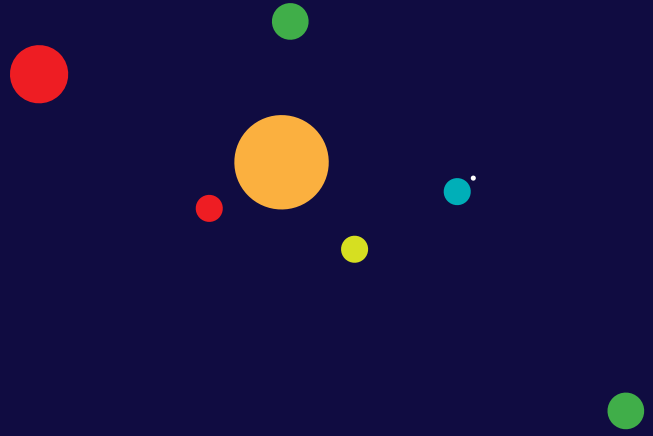


AULA ABERTA
da língua guarani
+ oficina de
desenho de plantas



17h

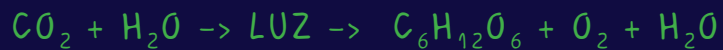
Lançamento do livro
MBAÉ KAÁ
de Barbosa Rodrigues
com participação
de comitiva Guarani



Selvagem deriva de SELVA.
Também é como civilizados
chamam o que não se usa para
cultivo, o inculto.



Selvagem é o equilíbrio
sincrônico do COSMOS.
A mesma força que faz o
coração bater independente
do comando da razão.

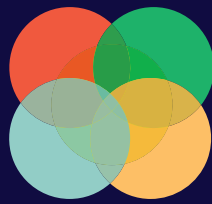


Selvagem é o domínio das plantas,
criadoras da FÓRMULA que transforma
energia solar em matéria, a fotossíntese.



Selvagem, o DNA,
código que desenha
existências,
molécula da vida
que atravessa
os seres do futuro
a ancestralidade.





QUANDO: 13, 14 e 15 de novembro de 2018

ONDE: Teatro do Jardim Botânico do Rio de Janeiro

OBJETIVO: Mediados por Ailton Krenak, pesquisadores e pensadores de culturas aparentemente distantes entre si, e que se valem de mecanismos próprios de estudo, reúnem-se em rodas de conversas francas e abertas ao público onde serão apresentadas suas visões sobre a vida criando correspondências entre saberes indígenas, científicos, acadêmicos e ancestrais.

AMBIÊNCIA: cenário criado por Bel Lobo e Beth Passi em homenagem a Helio Eichbauer, participação de músicos tocando handpan, cantos Huni Kuĩ e instrumentos de barro entre as falas do ciclo.

NA INTERNET: registros posteriormente disponibilizados.

EQUIPE:

curadoria: Anna Dantes

cenografia: Bel Lobo e Beth Passi

artista plástica convidada: Paula Dager

colaboradores: Camila Vaz, Digo Fiães e Fabio Scarano

produção: Bia Caiado e Madeleine Deschamps

filmagem: Manuel Águas, Louise Botkay e Gabriel Sayad

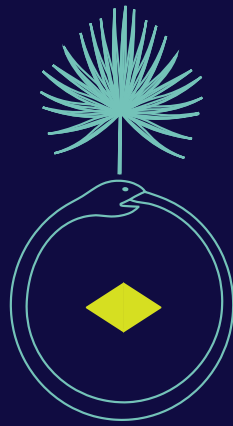
vestidos: Raquel Dimantas

portal da purificação: Adriana Ocelot

comunicação: Na Mídia

APOIO: Associação dos Amigos do Jardim Botânico, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Coincidencia | Pro-Helvetia Swissnex, Plataforma Brasileira de Biodiversidade Serviços Ecosistêmicos, Instituto Serrapilheira, Instituto Francês do Brasil, Embaixada da França no Brasil, SESC-RJ, família Aranha Luis Paulo Montenegro e A Fábula

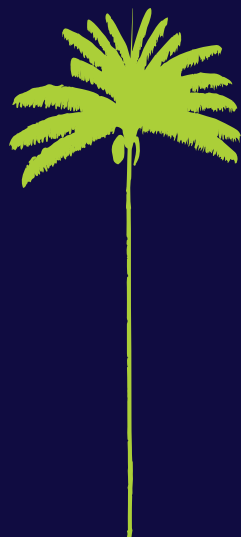
REALIZAÇÃO: Dantes Editora



mediação do ciclo
SELVAGEM
por Ailton Krenak

AILTON KRENAK, descendente do povo Krenak, nasceu no Vale do Rio Doce (MG) em 1953. É um importante pensador brasileiro e uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro. Em 1988, durante a Assembleia Constituinte, pintou seu rosto de jenipapo em sinal de luto pelo retrocesso na tramitação dos direitos indígenas. Participou da fundação da "União dos Povos Indígenas", da "Aliança dos Povos da Floresta". É autor de livros e embaixador das culturas originais brasileiras.





Em 2002, a Organização das Nações Unidas (ONU) expressou o reconhecimento da necessidade de avançar o diálogo entre o conhecimento científico e os sistemas de conhecimento e de valores indígenas e locais. Esse diálogo – percebido como essencial para pavimentar os passos do planeta em direção à sustentabilidade – começou a ganhar contornos de ação na forma do Painel Intergovernamental de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (IPBES), que seria criado, também pela ONU, em 2011, pautado pelo princípio de “reconhecer e respeitar a contribuição do conhecimento indígena e local à conservação e ao uso sustentável da biodiversidade e dos ecossistemas”.

Cerca de 100 anos antes, em 1905, João Barbosa Rodrigues – grande diretor e pioneiro da pesquisa científica do Jardim Botânico – praticou o que hoje a ONU reconhece como indispensável: o diálogo entre a ciência “ocidental” e a ciência indígena.

Na sua publicação “Mbaé Kaá”, ele mergulha na taxonomia botânica de indígenas brasileiros e propõe que o potencial da humanidade usar o conhecimento botânico desse povo “é superior ao de que philosophos da antiguidade (...) nos transmitiram”. Ao propor esse diálogo, Barbosa antecipava o que muitos cientistas ainda hoje temem: que seu “ligeiro bosquejo [fosse] qualificado como fantasia [e que ele poderia ser] acoimado de visionário pelos que só conhecem nossas cousas por leituras de gabinete”.

Fabio Scarano

terça-feira, 13 de novembro - abertura e ambiência sonora por Antonio Arvind, que acompanhará as palestras criando frases musicais entre as falas dos participantes.

ANTONIO ARVIND iniciou a prática de Yoga aos 7 anos e recebeu iniciação e formação em Tantra e Hatha Yoga em 2011 pela Associação de Ciência Intuitiva Ananda Marga.

Autodidata, desenvolveu seu próprio estilo musical com embasamentos nos estudos da escola de música Villa Lobos (percussão sinfônica). Desde 2012 visita produtores e músicos na Europa desenvolvendo instrumentos, com o foco na capacidade terapêutica do som. Antonio é fundador da primeira companhia de Handpan no Brasil, a Satya Sound Sculptures, e busca integrar suas esculturas com os conhecimentos do Yoga e da terapia sonora como ferramentas de saúde plena e desenvolvimento pessoal/espiritual.



terça-feira, 13 de novembro
de 10h às 12h

VIAGEM AO CENTRO DA VIDA

Abertura da jornada do ciclo de palestras.

Vamos falar da vida, da rede da qual fazemos parte, mas também sobre nosso espaço interno e como ele se conecta com o universo exterior. Microcosmos e Macrocosmos.

LUIS EDUARDO LUNA nasceu em Florencia, na região da Amazônia colombiana (1947). Ph.D. do Instituto de Religião Comparada da Universidade de Estocolmo (1989), é membro do Guggenheim e da Sociedade Lineana de Londres. É autor de livros sobre visões do ayahuaska e diretor do "Research Center for the Study of Psychointegrator Plants, Visionary Art and Consciousness", em Florianópolis, Brazil.

TORAMI-KEHÍRI (LUIZ GOMES LANA) nasceu em 1947. É do povo Desana, cuja autodenominação é Imiko-masã "Gente do Universo". Luiz é o filho primogênito de Umusi Pãrökumum, Firmiano Arantes Lana, e de Emília Gomes (mulher tukano). Torami-Kehíri e seu pai já falecido, são autores da coletânea de narrativas míticas "Antes o mundo não existia". Mitologia dos antigos Desana-Kehíripõra" será lançado pela Dantes Lancará em 2019. As duas edições anteriores de 1980 e 1995 foram realizadas com a colaboração de Berta Ribeiro e Dominique Buchillet.

SÉRGIO BESSERMAN VIANNA nasceu no Rio de Janeiro (1957) é um economista brasileiro, graduado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Foi presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Atualmente é o Presidente do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro.



terça-feira, 13 de novembro
de 14h às 16h

A SERPENTE E O DNA

Estabelecer correspondências entre o conhecimento nativo e a ciência. Após pesquisar sobre as plantas junto ao povo Ashaninka para seu doutorado em antropologia, Jeremy Narby desenvolveu uma hipótese que relaciona as serpentes dos mitos originais com o DNA presente em toda forma de vida. A conversa inspirada em seu livro "A Serpente Cósmica, o DNA e a origem do saber" contará com o autor, o astrobiólogo Gustavo Porto de Mello e Moisés Piyãki.

GUSTAVO PORTO DE MELLO é doutor em Astrofísica e professor da UFRJ. Atua em Astrofísica, nas áreas Estelar e Galáctica, em Exoplanetas e Astrobiologia. Temas de pesquisa: composição química estelar, evolução química da Galáxia, estrelas quimicamente peculiares, atividade cromosférica estelar, planetas extra-solares e astrobiologia. Em 1997 descobriu a estrela mais semelhante ao Sol (gêmea solar) até então identificada (Astrophysical Journal Letters, 482, L89).

MOISÉS PIYÃKO é um respeitado xamã do povo dos Ashaninka e conhecedor das tradições espirituais de seu povo.

JEREMY NARBY é antropólogo e escritor radicado na Suíça. Estudou história na Universidade de Kent em Canterbury e recebeu seu doutorado em antropologia da Universidade de Stanford. Estudou com os Ashaninka na Amazônia peruana catalogando recursos da floresta para combater sua destruição. Autor de "A serpente cósmica, o dna e a origem do saber" e "Inteligency in Nature".



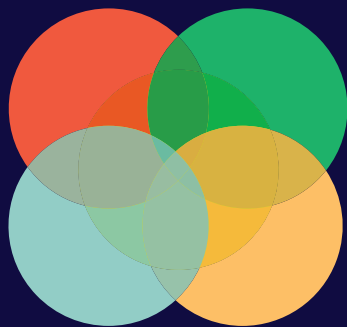
terça-feira, 13 de novembro
17h

LANÇAMENTO DO LIVRO MBAÉ KAÁ - O QUE TEM NA MATA - A BOTÂNICA NOMENCLATURA INDÍGENA DE BARBOSA RODRIGUES COM PARTICIPAÇÃO DE COMITIVA GUARANI.

João Barbosa Rodrigues nasceu em 1842 durante o Império, no Rio de Janeiro. Foi professor de desenho no Colégio Pedro II, diretor do Museu Botânico do Amazonas, em Manaus, e diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde trabalhou até morrer em 1909. Realizou diversas expedições, entre elas uma no vale do Rio Amazonas, de 1872 a 1874, com o objetivo de complementar os estudos sobre palmeiras de von Martius. A pesquisa de campo era tão importante em sua carreira que criou no Jardim Botânico, o cargo de naturalista viajante. Publicou "Sertum Palmarum Brasiliensium", em 1903, uma obra impressionante em dois volumes contendo 389 espécies de palmeiras ilustradas e seus usos descritos. Falante do tupi antigo, do nheengatu e do guarani, em 1905 publica "Mbaé Kaá, Tapyiyetá Enoyndaua". A Botânica nomenclatura indígena, uma contundente defesa do conhecimento nativo diante do meio científico. Mesmo dentro do vocabulário da época e das perspectivas do início do século é um livro fundamental para apoiar o reconhecimento da sabedoria indígena no Brasil e no mundo. A Dantes, buscou atualizar essa memória, e esticá-la aos dias de hoje, ao epicentro que é o Jaraguá, uma aldeia urbana do povo Guarani em plena cidade de São Paulo. A nova edição livro foi ilustrada por crianças, jovens e adultos Guarani durante

uma oficina em setembro de 2018 na aldeia Pyau. Foram também elaboradas novas notas. A apresentação é assinada por Sergio Besserman e a introdução por Fabio Rubio Scarano. Considerando a importância da publicação o livro conta com o apoio do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e com o patrocínio da Associação de Amigos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e da BPBES - Plataforma Brasileira de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos.





quarta-feira, 14 de novembro - abertura com cantos de Ayani e Batani Huni Huĩ.

Ambiência sonora por Tercio Araripe, da Orquestra de Barro Uirapuru, que acompanhará as palestras criando frases musicais entre as falas dos participantes.

Ayani e Batani trazem da floresta cantos tradicionais Huni Kuĩ que nos conectam com a nossa essência. São mestres artesãos e lideranças do rio Jordão. Ayani é filha do pajé Agostinho Ika Muru, organizador de *Una Isi Kayawa*, o livro da cura do povo Huni Kuĩ (Dantes, JBRJ, 2014)

Através do Grupo Uirapuru, Tércio Araripe vem desenvolvendo práticas musicais e de cerâmica na confecção de instrumentos para perpetuar a cultura ancestral do barro no povoado de Moita Redonda no Ceará.

Em Selvagem, a experiência do encontro se realizará também no campo musical.



quarta-feira, 14 de novembro
de 10h às 12h

DA PLANTA AO PLANETA

Como a consciência do mundo e a consciência das plantas são inseparáveis. As plantas, que tornaram possível a vida sobre a terra. Elas encontraram a fórmula para transformar a energia solar em vida. Vamos falar de agentes regenerantes de gaia, ações transformativas, revegetalização, ciência e afeto.

ALICE WORCMAN faz parte do Coletivo Organicidade. Ela tem interesse pelo conhecimento e pesquisa da biodiversidade alimentar através das PANC. Também tem interesse pelo estudo prático de formas de se relacionar com o macroorganismo planeta Terra, através da regeneração dos ecossistemas, em harmonia com a vida e seus processos.

FABIO SCARANO graduou em Engenharia Florestal pela Universidade de Brasília, Brasil, e obteve seu Ph.D. em Ecologia na Universidade de St. Andrews, Escócia. Ele é Professor Associado de Ecologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, desde 1993. Ele é também membro da Sociedade Linneana de Londres (desde 1995). Seu campo de estudo é a questão climática dentro da perspectiva de gaia.

GUSTAVO MARTINELLI Possui doutorado pela Faculty of Sciences - University of St. Andrews, UK (1994). Atualmente é pesquisador titular do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro e coordenador do Centro Nacional de Conservação da Flora (CNCFlora). Nomeado como Ponto Focal do Brasil junto a Estratégia Global para Conservação de Plantas - GSPC/CDB.



quarta-feira, 14 de novembro
de 14h às 16h

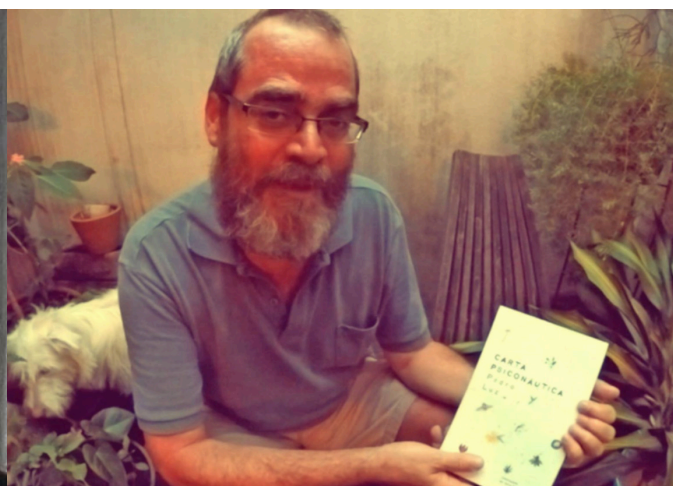
PLANTAS MESTRAS

Três estudiosos do conhecimento tradicional compartilham aprendizados, experiências e entedimentos junto a cientistas da natureza, os pajés.

ALEXANDRE QUINET é doutor em Ciências Biológicas (Botânica) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008) e pesquisador do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Tem experiência na área de Botânica, com ênfase em Taxonomia. É organizador junto com o pajé Agostinho Ika Muru de "UNA ISI KAYAWA, Livro da Cura do povo Huni Kuin do rio Jordão".

ELS LAGROU é antropóloga e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. De origem belga, fez mestrado em História Contemporânea em Louvain e veio para o Brasil estudar os povos ameríndios, onde fez mestrado e doutorado em Antropologia Social, com especialização em Antropologia da Arte. Publicou, dentre outros, os livros "A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica" (2007), sobre os Kaxinawa, "Arte Indígena no Brasil: agência, alteridade e relação" (2009). Como curadora, Els organizou junto ao Museu do Índio a exposição No Caminho da Miçanga (2015) que apresenta peças de povos indígenas desde o Brasil e Américas, até Ásia e África.

PEDRO LUZ é antropólogo e etnobotânico. Autor do livro Carta Psiconautica sobre 44 espécies psicoativas e realizador das pesquisas etnobotânicas no livro UNA ISI KAYAWA, Livro da Cura do povo Huni Kuin do rio Jordão.



quinta-feira, 15 de novembro
de 10h às 12h

COM A EQUIPE DO CENTRO DE RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL DO JBRJ

Com equipe do programa sócio ambiental do Jardim Botânico.
Para o público de todas as idades.

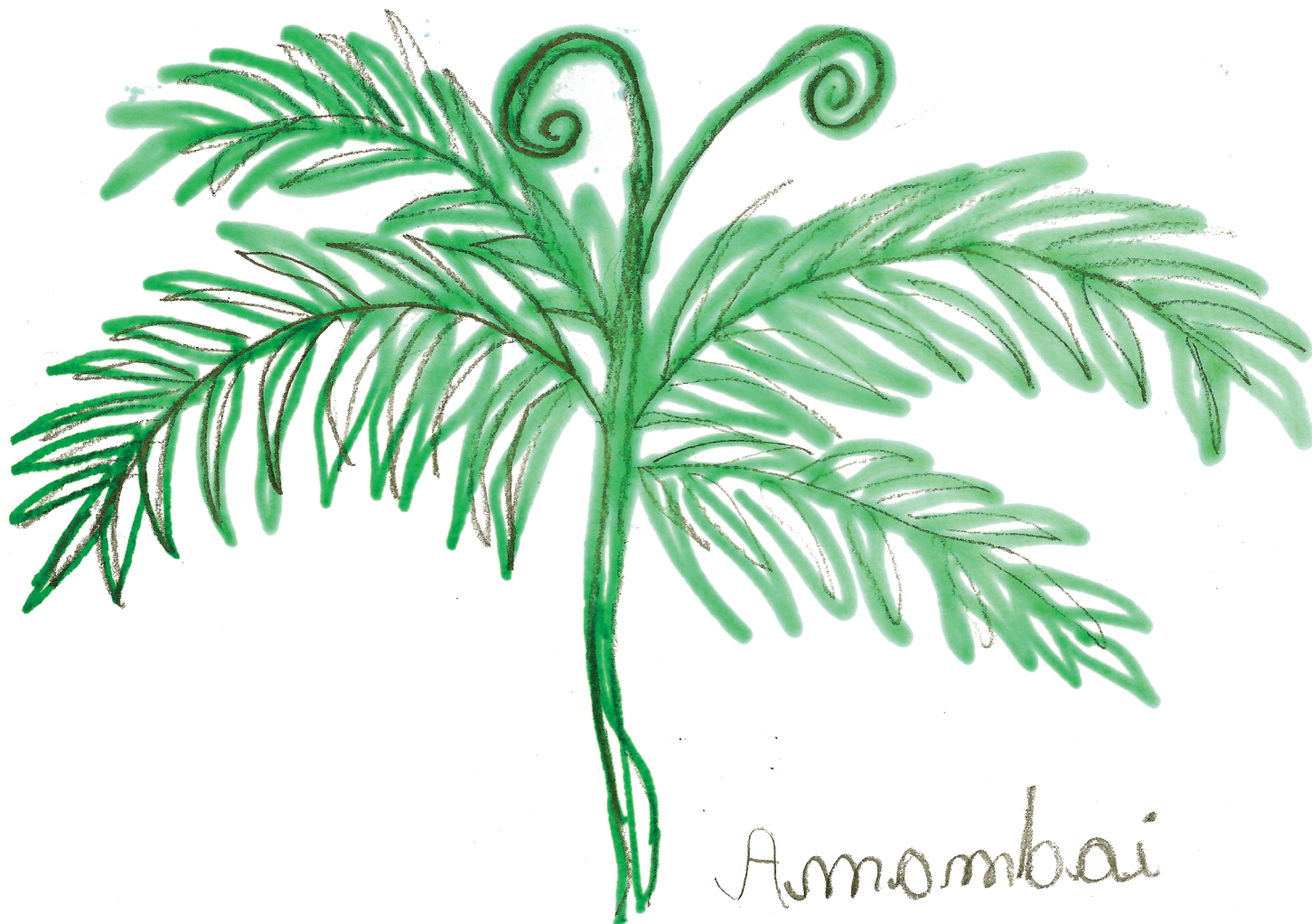
A proposta aqui é passarmos da teoria da prática, a experiência
da mão na terra, o plantio de mudas para levar para casa, o
encontro com jardineiros.

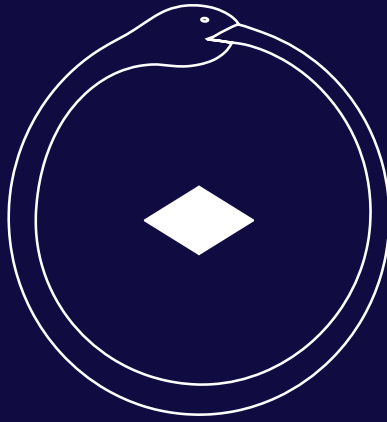
de 12h às 14h

VOCABULÁRIO GUARANI ILUSTRADO

Aula de Guarani aberta ao público com Davi Karai Popygua e
comitiva acompanhada de oficina de desenho de plantas.

A proposta é integrar a aula da língua guarani com a oficina
de desenho na intenção de se editar um glossário vivo do
encontro.





MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE
GOVERNO
FEDERAL

fundação suíça para a cultura
prohelvetia

COINCIDÊNCIA Intercâmbios
culturais
Suíça-América
do Sul

**INSTITUT
FRANÇAIS**
BRASIL



LUÍS PAULO MONTENEGRO

FAMÍLIA ARANHA

